

**OS CONECTORES DISCURSIVOS  
NO PROCESSAMENTO COGNITIVO DO TEXTO:  
JÁ AGORA, UM ESTUDO**

MARIA DA FELICIDADE A. MORAIS  
(Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

*ABSTRACT: This paper concerns the function of discourse connectives (commonly also called “discourse markers”) in text processing. Discourse connectives are lexical expressions whose primary function is to signal relations between discourse segments (e.g., Fraser, 1999). Assuming that one of the main concerns in text processing is to determine how the incoming segment relates to other discourse segments (Givón, 1995), discourse connectives seem crucial to the construction of a coherent mental representation of the text. In an experiment conducted via the Internet, we tested the cognitive salience of discourse connectives in cognitive text processing. In this paper, we discuss qualitative and quantitative data obtained in the analysis of “já agora”, a discourse connective similar to “by the way”.*

*KEYWORDS: discourse markers; coherence relations; text processing.*

### **1. Relações de coerência e conectores discursivos**

Uma parte substancial do processamento cognitivo dos textos/discursos consiste em construir/reconstituir relações semântico-pragmáticas que assegurem a coerência da representação mental elaborada, de forma dinâmica e incremental, no decurso do processo de interpretação (Schiffrin, 1987; Mann & Thompson, 1988; Givón, 1995; Lorch & O’Brien 1995; Sanders, Schilperoord & Spooren 2001). Os produtos linguísticos textuais – como, de resto, a actividade comunicativa em geral – caracterizam-se pelo facto de os segmentos que entram na sua constituição se apresentarem conectados ou serem conectáveis. Estas conexões entre segmentos do discurso, designadas na literatura da especialidade por *relações de coerência, relações discursivas e relações retóricas*, configuram uma estrutura sequencial e hierárquica, que se sobrepõe à linearidade da superfície textual. São conexões que envolvem diferentes domínios da significação, designadamente os planos lógico-conceptual e pragmático-funcional (cf. Lopes, 2005). Na instância da recep-

*Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 267-276

ção, a construção de uma representação mental coerente do texto exige uma tarefa de reconhecimento e/ou (re)constituição de relações de coerência<sup>1</sup>.

As relações discursivas, à semelhança de outros significados construídos no/pelo texto, podem apresentar-se na superfície textual de forma mais ou menos visível: o locutor pode optar entre sinalizar a relação discursiva, usando para esse efeito elementos verbais e/ou não-verbais, ou deixá-la implícita, cabendo então ao seu interlocutor um papel mais activo na inferência do tipo de conexão. Em geral, um locutor cooperativo tende a facilitar e orientar o processo de interpretação; por sua vez, o ouvinte/leitor procura captar os sinais que poderão ajudá-lo para uma compreensão bem sucedida. Neste sentido, as relações discursivas são frequentemente sinalizadas pelo locutor e são (presumivelmente) objecto de grande atenção por parte do interlocutor.

Entre as unidades linguísticas disponíveis para a sinalização das relações semântico-pragmáticas instauradas no/pelo discurso, destacam-se os conectores discursivos (também frequentemente chamados *marcadores discursivos*, *partículas discursivas*, *conectores parentéticos*, entre outras designações)<sup>2</sup>, cujo significado explicita de que modo o segmento em que ocorrem deve ser integrado na representação mental em construção (Fraser, 1990 e 1999; Portolés, 1998; Pons, 2001; Cuenca, 2006).

Concebemos os conectores discursivos como uma categoria funcional de palavras ou expressões ao serviço da conexão de segmentos do discurso. Explicitam a relação que une um determinado segmento de texto, tipicamente bem delimitado na superfície textual, ao seu co-texto, realizando no discurso um significado essencialmente de natureza instrucional ou procedimental, e não-verofuncional. A conexão que sinalizam pode estabelecer-se ao nível local (interfrásico) ou em níveis globais intermédios. Caracterizam-se ainda por serem elementos externos à predicação, demarcando-se dos constituintes frásicos (por traços prosódicos ou pela pontuação), por ocorre-

---

<sup>1</sup> No processamento cognitivo do texto, estabelecer a articulação entre os segmentos discursivos é uma operação crucial. Givón concebe esta operação como “[the] main on-line task in text processing”, caracterizando-a como consistindo em determinar “where and how to attach the new information in the clause in the episodic mental representation of the current text” (1995: 103). Entre as relações em que se sustenta a coerência, são especialmente salientes as que articulam intervalos de tempo (de forma a assegurar a compatibilidade entre os valores temporais construídos pelas formas verbais e outras expressões), as que relacionam entre si os referentes representados no discurso (dando lugar à formação de cadeias de referência) e, em especial, as relações que articulam segmentos discursivos (apresentando, por exemplo, um dado segmento como justificação, consequência, síntese ou reformulação de um segmento anterior). É no âmbito deste último subtipo de relações de coerência que se inscreve o trabalho que aqui se apresenta.

<sup>2</sup> A par da diversidade na denominação (cabendo aqui acrescentar, por exemplo, as designações conectores argumentativos, conectores interfrásicos, signos de segmentação, operadores discursivos, partículas pragmáticas e partículas modais, também correntes na literatura), assiste-se igualmente a flutuações conceituais consideráveis, com reflexos intensionais e extensionais na delimitação da categoria (vide Morais, 2006: 61-90).

rem preferencialmente à cabeça do segmento que conectam e por serem unidades simples e com forma fixa (Morais, 2006: 115-157).

A função básica dos conectores discursivos – sinalizar nexos entre segmentos do discurso – apresenta-os como unidades potencialmente relevantes para a descrição do modo como se processa a construção de uma representação mental coerente do texto: como afirma Lopes, “Se é verdade que um texto pode progredir sem a presença destes elementos, não é menos verdade que a sua ocorrência parece ser um elemento crucial do ponto de vista da redução dos custos de processamento da informação, uma vez que eles marcam explicitamente o tipo de relação/conexão que deve ser computado na interpretação” (2005: 19).

## 2. Conectores discursivos no processamento textual: dados de um estudo experimental

Neste trabalho, assumimos que o uso de um conector discursivo adequado é uma mais-valia para a coerência textual. Considerando o seu significado de natureza eminentemente instrucional e a sua proeminência auditiva e/ou visual na superfície do texto, na (ou junto à) periferia esquerda da frase, equacionamos a hipótese de os conectores do discurso funcionarem como pistas fortes no processamento cognitivo dos textos.

Para testar esta hipótese, desenhamos uma experiência, desdobrada em duas versões paralelas, correspondendo à manipulação das variáveis presença/ausência de conectores discursivos e alternância entre dois conectores discursivos. Mais concretamente, a análise centrou-se num subgrupo de conectores discursivos especializados na sinalização da estrutura tópico-informacional – a saber, *já agora*, *agora*, *a propósito*, *desde logo*, *em primeiro lugar*, *em suma* e *enfim*. A experiência, conduzida e aplicada por meio da Internet e em que participaram 257 pessoas, teve como suporte um inquérito segmentado em 29 etapas, sendo cada uma delas constituída por um texto breve e uma questão com as respectivas alternativas de resposta. No desenho experimental, foi nossa preocupação abordar o processamento cognitivo dos textos em tempo real, acompanhando-o o mais de perto possível, de forma não intrusiva, a partir da observação de comportamentos que pudessem indiciar o esforço aplicado pelo leitor e a representação mental daí resultante<sup>3</sup>.

Como indícios do processamento cognitivo aplicado pelos participantes em cada uma das etapas da experiência, considerámos as respostas ao ques-

---

<sup>3</sup> A experiência foi conduzida em linha, na Internet, entre meados de Abril e início de Julho de 2005, com suporte numa aplicação informática preparada para este efeito, apoiada em programas de uso generalizado (PHP, Macromedia Flash e MySQL), capazes de correrem em diferentes sistemas operativos e *browsers* e sob diversas formas de configuração (procurando-se, com este *software*, evitar bloqueios decorrentes das plataformas usadas pelos participantes, nos seus computadores pessoais). A captação de participantes fez-se por meio da divulgação do projecto (e apelo à colaboração) entre estudantes universitários e colegas.

tionário (uma pergunta para cada texto, acompanhada das alternativas de resposta, sendo esta sequência apresentada logo após o texto a que se reportava) e o tempo de reação, ou latência de resposta, face aos estímulos apresentados (designadamente o tempo de leitura do texto e o tempo de resposta ao respectivo questionário). A análise destes dois tipos de dados e a análise do seu cruzamento permitiram-nos obter evidência empírica que atesta a presença de efeitos cognitivos diferenciados em consequência da manipulação das variáveis em análise. Para este artigo, foi seleccionada, como exemplo do trabalho experimental realizado, uma das etapas em que são testados os efeitos cognitivos da presença ou ausência do conector discursivo *já agora* na interpretação de um pequeno texto.

### 2.1. Manipulação da presença do conector discursivo *já agora*

No português europeu contemporâneo, *já agora* é uma expressão frequentemente usada, na oralidade e na escrita, ao serviço da conexão de segmentos do discurso, sinalizando a introdução de um segmento de carácter parentético, o qual configura um desvio breve, uma digressão ou aparte, no desenvolvimento tópico-informacional do texto<sup>4</sup>. É um conector discursivo que marca um desvio digressivo, sendo o seu valor semântico-pragmático parafraseável por “*porque se falou de x* (tópico do co-texto anterior), *é pertinente acrescentar y* (segmento discursivo em que ocorre *já agora*)”. Formalmente, no segmento cuja introdução sinaliza, *já agora* ocorre preferencialmente em posição inicial. As fronteiras do segmento digressivo prefaciado por este conector apresentam-se geralmente bem definidas, marcadas por parênteses, travessões ou períodos.

Os efeitos cognitivos do uso de *já agora* foram testados numa das etapas da nossa experiência em que era solicitada uma apreciação genérica da boa-formação do seguinte texto:

Hoje as nuvens parecem um batalhão de tartarugas em formatura, preparadas para protegerem a nossa cápsula atmosférica de qualquer ataque cósmico. Já agora, alguém pode dizer-me quem são os parentes dos Quelónios?

Um dos grupos experimentais (o GE2) visualizou a versão em que ocorre *já agora* (conforme o texto acima); na versão apresentada ao outro grupo de participantes (o GE1), omitiu-se o conector discursivo. No grupo de etapas em que esta se insere, a tarefa dos participantes consistia na leitura de um pequeno texto e na sua apreciação global, sendo o resultado assinalado numa escala ordenada de 1 (mal formado) a 5 (bem formado).

Com esta etapa pretendia-se recolher evidência empírica dos efeitos da computação do conector discursivo *já agora* na inferência de uma relação de relevância topical entre os segmentos discursivos. No texto usado, esta rela-

---

<sup>4</sup> Em Morais (2004; 2006: 158-179), analisam-se os valores discursivos de *já agora*, descrevendo-se os seus contextos de ocorrência e confrontando este conector discursivo com os usos discursivos de *já* e *agora*, por um lado, e com o conector discursivo *a propósito*, por outro, que partilha com *já agora* a função de introdução de segmentos textuais digressivos.

ção discursiva não é, em princípio, facilmente acessível à maior parte dos participantes, pelo facto de envolver conhecimentos mais ou menos especializados. Esta complicação deve ainda ter sido agravada por não ser fácil a (re)construção de um contexto adequado à enunciação do texto apresentado. Esperava-se que, apesar destes obstáculos à construção da relevância do segmento-alvo, os participantes confrontados com a versão em que é usado o conector discursivo *já agora* (GE2), devido à explicitação da sua relevância discursiva, deveriam presumir (mais facilmente) a boa-formação do texto, o que se reflectiria em médias mais altas na avaliação da sua textualidade.

## 2.2. Resultados da experiência e análise

Os resultados obtidos na experiência confirmam o papel da presença deste conector discursivo na presunção da boa-formação do texto apresentado, o que é desde logo visível na distribuição das respostas:

Opções de Resposta	N.º de Respostas		Percentagem	
	GE1	GE2	GE1	GE2
Categoria 1 ( <i>mal</i> )	38	21	34,2	21,4
Categoria 2	28	24	25,2	24,5
Categoria 3	31	22	27,9	22,4
Categoria 4	7	17	6,3	17,3
Categoria 5 ( <i>bem</i> )	6	12	5,4	12,2
Não sabe.	0	1		1,0
Não responde.	1	1	0,9	1,0
TOTAL	111	98		

Quadro 1: Frequências absoluta e relativa, na distribuição das respostas.

Na distribuição das respostas, verifica-se que a diferença é particularmente saliente na base e no topo da escala: no grupo dos participantes que leram o texto sem o conector discursivo (GE1), a categoria mais baixa recolhe cerca de 34% das respostas, enquanto no grupo dos que receberam o texto com o conector discursivo (GE2) esta categoria corresponde apenas a cerca de 21% da amostra. Alargando a observação às três primeiras categorias, nota-se que a percentagem de ocorrências no GE1 é sempre superior à distribuição obtida no GE2. Por outra parte, as duas categorias mais elevadas do GE2 obtêm cada uma pelo menos o dobro da percentagem de ocorrências registadas no GE1.

Esta desproporção é ainda mais notória na comparação das frequências acumuladas: as categorias 1 e 2 foram escolhidas por 59,5% (quase 60%) dos participantes do GE1 (texto sem *já agora*), enquanto no GE2 só 45,9% dos participantes situam a sua resposta nestas categorias; no limite do terceiro nível, estão já incluídas cerca de 87% das respostas no GE1, enquanto no GE2 só cerca de 48% dos participantes escolheram uma destas três primeiras categorias. As diferenças entre os dois grupos experimentais são também bastante salientes na média registada na escala avaliativa (veja-se abaixo o

Quadro 2): 2,74 no GE2, face a 2,23 no GE1 – o que representa uma diferença de 0,51.

A latência de resposta, entendida como indício do esforço aplicado pelo participante no processamento da etapa, corroborou as conclusões sugeridas pela distribuição das respostas. Os participantes do GE2 foram, em geral, mais rápidos na realização desta etapa, sendo esta diferença particularmente notória na comparação dos resultados dos participantes com menor latência de resposta: entre os 5% mais rápidos, a diferença na decisão e introdução da resposta é de quase 3 segundos (2,8 segundos).

O cruzamento da distribuição das respostas com o tempo dispendido pelos participantes na etapa também pôs em evidência efeitos positivos da computação do conector discursivo *já agora*. Para esta análise, constituímos quatro subgrupos temporais (com número idêntico de participantes) de forma a apreciar a interacção entre os custos de processamento e os efeitos derivados do esforço realizado<sup>5</sup>.

Subgrupos temporais	GE1						GE2						Média	
	1	2	3	4	5	NN	1	2	3	4	5	NN	GE1	GE2
Q_1: <25	9	6	10	1	2		5	7	3	6	2	1	2,32	2,70
Q_2: 25-50	13	8	6		1		9	7	3	3	3		1,86	2,36
Q_3: 50-75	10	8	8	1	1		4	7	8	4	2		2,11	2,72
Q_4: >75	6	6	7	5	2	1	3	3	8	4	5	1	2,65	3,22
GERAL													<b>2,23</b>	<b>2,74</b>

Quadro 2: Distribuição das respostas nos subgrupos temporais e média da classificação do texto.

Na análise da distribuição das respostas nos subgrupos temporais do GE1, nota-se que a preferência pelas categorias mais baixas da escala avaliativa afecta principalmente os participantes com menor latência de resposta (os dois primeiros quartis). Esta tendência é mais saliente no Q\_2, onde 75% dos participantes assinalam uma das categorias mais baixas, inscrevendo-se quase metade da subamostra logo no primeiro nível. Já no Q\_4, subgrupo com maior latência de resposta, desenha-se uma elevação na escala aprecia-

<sup>5</sup> Para a formação dos subgrupos temporais, tomou-se por referência a latência de resposta apurada nos percentis 25, 50 e 75 – ou seja, nos limites quartílicos. Em termos práticos, as classes assim definidas dividem o conjunto das observações em quatro partes com idêntico número de ocorrências, representando cada uma (cerca de) 25% da amostra (ou seja, um quarto das respostas válidas apuradas). Especificando, o primeiro subgrupo, que se refere às ocorrências registadas até ao percentil 25, reúne as respostas dos participantes mais rápidos. Por sua vez, o último subgrupo, com as ocorrências acima do percentil 75, é constituído pelas respostas dos participantes que demoraram mais tempo na realização da etapa. Os outros dois subgrupos assumem posições intermédias, seguindo o mesmo princípio. No texto acima, os subgrupos são identificados como Q\_1, Q\_2, Q\_3 e Q\_4, ordenados de menor para maior latência de resposta.

tiva, visível na deslocação da moda (*i.e.*, categoria com maior número de ocorrências) para a categoria central e no aumento das ocorrências nas duas categorias mais altas (sete respostas), alcançando-se aqui um número superior à soma de todas as obtidas nestas categorias nos restantes subgrupos temporais. A comparação das médias da classificação registada em cada subgrupo também evidencia esta deslocação no sentido de resposta: por exemplo, a média de Q\_4 é bastante superior à média geral do GE1. Face a estes dados, pode concluir-se que o aumento do tempo de processamento tem como resultado uma apreciação mais favorável da textualidade do objecto analisado – por outras palavras, o aumento nos custos de processamento é compensado com a derivação de efeitos cognitivos positivos.

Também no GE2 se fazem sentir estes efeitos do tempo despendido na tarefa solicitada, mas aqui atingem maiores proporções. Nos dois primeiros subgrupos temporais, a moda situa-se numa das duas categorias mais baixas; nos dois últimos, em contrapartida, ocupa a categoria central. Como exemplo deste movimento ascendente na classificação da textualidade, vejam-se ainda os subgrupos Q\_2 e Q\_4: com efeito, os 36% da subamostra Q\_2 inscritos no primeiro nível da escala avaliativa só encontram idêntica percentagem do Q\_4 já a meio do terceiro nível. Além disso, as médias da classificação obtida em cada subgrupo também revelam a elevação na escala avaliativa. Passando da análise interna à comparação com o GE1, é de referir que em todos os subgrupos temporais se nota uma classificação mais positiva por parte dos sujeitos que leram o texto em que ocorre o conector discursivo *já agora*. Esta distância é também facilmente perceptível a partir da comparação das médias dos subgrupos de ambos os grupos experimentais.

Em suma, reflectem-se nos quatro subgrupos temporais as principais diferenças que se evidenciam na comparação geral das respostas obtidas nesta etapa. Face a estes dados, conclui-se que os dados empíricos recolhidos provam que a presença do conector discursivo *já agora* torna mais acessível a computação de uma relação discursiva que ligue o segmento por ele prefaciado ao tópico em desenvolvimento.

Ultrapassando um pouco os objectivos inicialmente definidos (orientados para a comparação entre presença e ausência do conector discursivo), importa realçar aqui as semelhanças entre os dois grupos experimentais no que se refere ao produto dos diferentes ciclos de processamento. Tomando por referência as médias da avaliação da textualidade nos quatro subgrupos temporais, é de notar que se registam os mesmos movimentos na escala em ambos os grupos de participantes: o Q\_2 representa um abaixamento bastante acentuado em relação ao Q\_1; no Q\_3 inverte-se a tendência de descida; por fim, no Q\_4 acentua-se a elevação na escala, de tal forma que em ambos os grupos experimentais se obtém neste quartil uma média superior à geral. Estas semelhanças sugerem que a presença de *já agora*, no texto desta etapa, não influencia tanto os processos interpretativos aplicados quanto o resultado desse processamento.

### 3. Considerações finais

As diferenças entre os efeitos cognitivos gerados pela presença ou ausência do conector discursivo na superfície textual estiveram em foco ainda noutras etapas da nossa experiência<sup>6</sup>. Globalmente, a análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos nessas etapas conduziu a conclusões em linha com as sugeridas na etapa aqui em apreço, desenhada para aferir os efeitos do conector discursivo *já agora*.

Recuperando as principais conclusões da análise estatística dos dados colhidos na experiência, há a referir antes de mais que foram apurados diferentes tipos de indícios de que o uso adequado de conectores discursivos contribui para uma representação mental mais nítida, precisa e consistente da estrutura do texto. Concluímos ainda que a presença do conector discursivo activa (ou reforça) a presunção da relevância da informação metatextual que lhe está associada.

Na situação experimental em que se testou a presença/ausência de dado conector discursivo (*já agora*, na etapa aqui em foco), verificou-se que, em geral, a presença do conector aparece associada a uma maior rapidez na realização das tarefas propostas, o que indicia menores custos no processamento cognitivo dos textos. Os dados colhidos suportam igualmente a conclusão de que o uso do conector discursivo torna mais acessível a segmentação das unidades discursivas, a inferência da relação discursiva e, por conseguinte, a computação do valor pragmático-funcional do segmento prefaciado pelo conector discursivo.

Face aos dados empíricos colhidos (respostas a inquérito e latência de resposta), concluímos que os conectores do discurso parecem ser usados pelo leitor como recursos fiáveis para um processamento de baixos custos e para uma interpretação bem sucedida. A experiência realizada aporta evidência abonatória da tese de que os conectores do discurso têm elevada saliência cognitiva na fase de interpretação dos textos.

As conclusões do nosso trabalho convergem no sentido de propostas da Teoria da Relevância sobre a relação entre os custos de processamento e a derivação de efeitos cognitivos positivos (Sperber & Wilson, 1986). Convergem, de igual modo, com diversos trabalhos em que se tem reconhecido a periferia esquerda da frase como espaço privilegiado para a ocorrência de unidades linguísticas com uma função de especial relevo para o processamento cognitivo – concretamente, os estudos sobre os advérbios de enquadramento (no sentido de Charolles, 1997), o tipo de elementos cognitivos

---

<sup>6</sup> Esta variável foi também testada com os conectores discursivos *agora*, *em suma*, *enfim* e grupos de conectores discursivos de enumeração (*desde logo*, *depois*; *em primeiro lugar*, *em segundo lugar*...). Acrescente-se que, a par da variável presença *versus* ausência do conector discursivo, foram também desenhadas etapas em que a aproximação aos efeitos cognitivos se estabeleceu a partir da substituição dos conectores em estudo por outros com características semântico-pragmáticas afins.

colocados em posição temática (cf. Fries, 1995; Morais, 1997) e a vantagem da menção em primeiro lugar (Carreiras, Gernsbacher & Villa, 1995).

## Referências

- Carreiras, Manuel, Morton Ann Gernsbacher & Victor Villa (1995). The advantage of first mention in Spanish. *Psychonomic Bulletin and Review* 2 (1), pp. 124-129.
- Charolles, Michel (1997). L'encadrement du discours: univers, champs, domaines et espaces. *Cahier de Recherche Linguistique* 6, pp. 1-73.
- Cuenca, Maria Josep (2006). *La connexió i els connectors. Perspectiva oracional i textual*. Barcelona: Eumo Editorial.
- Fraser, Bruce (1990). An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics* 14 (3), pp. 383-395.
- Fraser, Bruce (1999). What are discourse markers?. *Journal of Pragmatics* 31 (7), pp. 931-952.
- Fries, Peter H. (1995). Themes, Methods of Development, and Texts. In. Ruqaiya Hasan & Peter Fries (eds.) *On subject and theme. A discourse functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 317-359.
- Givón, Talmy (1995). Coherence in text vs. coherence in mind. In. Morton Ann Gernsbacher & Talmy Givón (eds.) *Coherence in spontaneous text*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 59-115.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2005). Texto e coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades* 19 (1/2), pp. 13-33.
- Lorch, Robert F. & Edward J. O'Brien (eds.) (1995). *Sources of coherence in reading*. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum.
- Mann, William C. & Sandra A. Thompson (1988). Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. *Text* 8 (3), pp. 243-281.
- Morais, Maria da Felicidade A. (1997). *Análise Temática: Contributos para o estudo das diferenças textuais tipológicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- Morais, Maria da Felicidade A. (2004). Elementos para uma descrição semântico-pragmática do marcador discursivo *já agora*. In. Augusto Soares Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.) *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. II. Coimbra: Almedina, pp. 477-495.
- Morais, Maria da Felicidade A. (2006). *Marcadores da Estruturação Textual: Elementos para a descrição do papel dos marcadores discursivos no processamento cognitivo do texto*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Pons Bordería, Salvador (2001). Connectives / Discourse Markers: An overview. *Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics* (Vol. VI: *La pragmática de los conectores y de las partículas modales*), pp. 219-243.
- Portolés, José (1998). *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel.

- Sanders, Ted, Joost Schilperoord & Wilbert Spooren (eds.) (2001). *Text Representation: Linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdam: John Benjamins.
- Schiffrin, Deborah (1987). *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sperber, Dan & Deirdre Wilson (1986/1995) *Relevance. Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell Publishers.